PRÁTICAS CULTURAIS E LEITURA: LEITORAS E FORMAS DE RESISTIR

CULTURAL PRACTICES AND READING: FEMALE READERS AND RESISTANCE FORMS

Alexandra Santos Pinheiro*

RESUMO: A análise da trajetória de leitura de mulheres com faixa etária entre setenta e noventa anos é o foco do presente artigo. As lembranças dessas senhoras leitoras apontam algumas marcas históricas em relação ao discurso lançado sobre o gênero feminino. Embora tenham iniciado a prática da leitura na infância, incentivadas pelos pais, as leitoras trazidas para esse debate não concluíram a Educação Básica, saíram da escola pela imposição paterna para se casar ou devido à distância entre a residência e a escola. Apesar disso, essas leitoras indicam as obras dos autores Alexandre Dumas, Victor Hugo, José de Alencar, Raquel de Queiroz, etc, como as que mais marcaram suas juventudes. Vale lembrar que nenhuma das obras foi indicada pela instituição escolar, os livros da tradição literária foram indicados por amigas, pelos pais e pela divulgação em revistas. À luz dos estudos sobre Práticas Culturais e História da Leitura, trago o discurso de mulheres leitoras para o debate, procurando perceber como a leitura, mais precisamente a leitura literária, é percebida por elas.

Palavras-chave: leitoras; história da leitura; práticas culturais; Literatura.

ABSTRACT: The aim of the current article is the analysis of the reading trajectory taken by womem whose ages go from seventy to ninety years old. These ladies' memories reveal some historical passages which are related to the discourse lauched over the feminine genre. Even though they had started their reading practices during childhood, encouraged by their parents, these female readers had not concluded their elementary education because they had to leave school under their parents imposition in order to get married and due to the distance from their residences and their schools. In spite of that fact, these ladies recommend authors such as Alexandre Dumas, Victor Hugo, José de Alencar, Raquel de Queiroz, among others, just to mention some writers who were remarkable in their youth. It is worth remembering that those books were not indicated by their educational institutions but by their friends, parents and also by some magazine ads which became their reading sources to books that are still part of the literary tradition or canon. Thus, based on the studies of Cultural Practices and Reading History, I bring these ladies' discourses to debate, trying to find out how reading itself, mainly the literary reading, can be felt by them.

Keywords: female readers; reading history; cultural practices; Literature.

* Professora adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados. Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Literários e Culturais.

INTRODUÇÃO: PRÁTICAS DE LEITURA E SEUS IMPACTOS

Um dos romances mais impressionantes que já li foi *A cor púrpura* (1982), de Alice Walker, adaptado e dirigido por Steven Spielberg para o cinema em 1985. Quem teve a oportunidade de ler a obra ou de assistir ao filme se lembrará da vida da protagonista Celie. Violentada pelo padrasto, que ela julgava ser seu pai, a jovem teve, antes de completar quinze anos, dois filhos, levados logo após o parto pelo padrasto. O nascimento do segundo filho levou dela, também, a possibilidade de voltar a ser mãe. Tempo depois, é entregue pelo suposto pai ao viúvo Albert, que procurava por uma esposa para cuidar de suas crianças, da casa e para servi-lo na cama. O viúvo pediu a mão de Nettie, irmã caçula de Celie, o padrasto, porém, avisou que ele só poderia levar a filha mais velha. Mostrou que Celie, apesar de deflorada, poderia ser "usada" como ele desejasse, pois já não teria mais filhos.

Celie passa por um longo período de humilhação, violência doméstica e privação de sua liberdade, até que a irmã Nettie, fugindo das investidas do padrasto, vai morar com ela. Longe de casa, é o viúvo Albert quem vai provocar angústias nas duas irmãs. Os comentários lançados a Nettie são explícitos e as irmãs percebem que não ficarão muito tempo juntas. No livro, elas prometem que vão sempre trocar cartas: "eu falei, Escreve. Ela falou, Que foi? Eu falei, Escreve. Ela falou, só a morte pode fazer eu num escrever procê" (WALKER, s/d, p. 29). A adaptação feita por Steven Spielberg, em 1985, dá ênfase a esse processo de leitura-libertação que envolve a protagonista. Antes de partir, Nettie ensina Cellie a ler. O letramento é iniciado por palavras, seguem-se montagens de frases e, finalmente, a leitura de livros.

Quando a irmã parte, Celie volta a vivenciar as humilhações provocadas por Albert e por seus filhos. Todos os dias espera pela entrega da correspondência, no entanto, seu "Mister", como costumava chamar Albert, a proíbe de se aproximar da caixa de correio. A esperança de receber uma carta da irmã lhe dá forças para prosseguir. Após vários anos sem notícias, prefere acreditar que a irmã estivesse morta. A visita da amante de Albert, Shug Avery, dá novo sentido a sua vida. O relacionamento homossexual, pouco enfatizado no filme, experimentado com a amante de "seu senhor", revigora suas energias e faz com que ela se sinta, finalmente, amada. A importância de Shug na vida de Celie também se refere ao fato de ser ela quem encontra as cartas enviadas por Nettie e escondidas por Albert. Ao ler as cartas, descobre que a irmã está na África, na companhia de seus filhos e do casal que adotou os dois. As cartas trazem para Celie informações sobre a cultura africana, a luta econômica e política da comunidade onde cresceram seus filhos. Numa das correspondências, Nettie descreve como a filha de Celie a questionou sobre o fato de as meninas da comunidade serem proibidas de estudar. Por fim, o material impresso, as cartas trouxeram para Celie o conhecimento de outra possibilidade para sua vida que não a de ser a escrava de "Mister". O conhecimento, por sua vez, lhe deu forças para enfrentar o homem que por anos lhe aprisionou. A irmã ensinou Celie a ler para que pudessem trocar cartas e, assim, permanecer sempre unidas.

O romance epistolar de Alice Walker é um exemplo de resistência diante da única opção que a vida parecia lhe oferecer: servir seus senhores; primeiro, o padrasto, depois, o viúvo Albert. Celie estava fadada à infelicidade: pobre, deflorada, negra e mulher. A protagonista resistiu ao que estava determinado e superou os desafios, graças ao afeto encontrado em Shug e à leitura das cartas da irmã. O interessante é que Albert nunca abre as cartas, apenas as esconde. Ao encará-lo, Celie é aquela que sabe sobre as viagens da irmã, da vida de seus filhos, dos acontecimentos vividos na África. Albert reconhece apenas a angústia e a falta de esperança causada em Celie.

Inicio este artigo explicitando a marca significativa da leitura na vida de Celie. O material impresso também diferencia as leitoras douradenses que têm, desde 2008, me dado a possibilidade de ouvi-las e de perceber como os livros, os jornais, as revistas femininas participam da forma com que cada leitora encara a vida familiar e social e a relação com a cidade de Dourados. A leitura possibilitou outras experiências para Celie, ao mesmo tempo em que lhe deu energia para romper com a humilhação vivenciada ao longo de sua vida. Ressignifico o romance *A cor púrpura* ao propor a análise da trajetória de vida de senhoras leitoras. Considero o espaço de vivência da leitora Celie, todavia, o percurso dessa protagonista se cruza com as leitoras que tenho entrevistado devido a, entre outros fatores: o não acesso à leitura e à escrita, o espaço doméstico e o casamento são repensados a partir do reconhecimento de si e do conhecimento de outras possibilidades de conduzir a vida. É a aprendizagem de mundos e de fatos por meio da leitura que marcam o discurso das leitoras douradenses. A maioria não rompeu com a função de "dona de casa" (e toda marca histórica que o termo acarreta) e não concluiu o ginásio (hoje Ensino Médio), mas superou o autoritarismo paterno e, posteriormente, o conjugal. Nesses dois anos de pesquisa, encontro vozes femininas resistentes às imposições e desfrutaram da prática cultural da leitura, encontrando nela a força para tocarem a vida.

O presente artigo, portanto, trata da trajetória de mulheres instaladas /radicadas em Dourados na década de 60 do século XX. O discurso feminino é analisado a partir das Práticas de leitura vivenciadas por elas, das obras que leram na infância, na adolescência, na juventude. Mulheres que buscaram na leitura as possibilidades de alegria não encontradas na vida cotidiana[1]. O trabalho tem mostrado situações e contextos de leitura em que os entrevistados são marcados pela falta de material impresso, pela censura a determinadas leituras e pelo apego aos livros de sua infância e juventude. É com base nesse contexto e a partir dos referenciais teóricos da História Cultural e da História da Leitura que desenvolvo a análise da trajetória de vida/leitura das leitoras douradenses.

Armand Mattlart e Érik Neveu (2004) lembram que as pesquisas sobre os estudos culturais abrem seus horizontes a partir das contribuições da Escola de Birmingham. Historiadores, antropólogos e sociólogos desviam seu olhar das "elites culturais" e procuram compreender as manifestações culturais mais populares.

[1] O recorte realizado para esse texto, vale esclarecer, é resultado de uma pesquisa maior, "Histórias de Leitura em Dourados (1925-1980): livros, leitores(as), escritores(as), escolas e bibliotecas", desenvolvida junto à pró-reitoria de pesquisa da Universidade Federal da Grande Dourados.

Pesquisam que se "aventuram no metrô, nos parques de diversão, nos aeroportos, nos 'não-lugares'" (2004, p. 14). Os estudos culturais, portanto, passam a:

> Englobar objetos até então tratados por diversas ciências sociais e humanas: consumo, moda, identidades sexuais, museus, turismo, literatura. Os defensores mais radicais dessas pesquisas reinvindicam doravante o estatuto de uma "antidisciplina". O termo marca a recusa de divisões disciplinares, de especializações, a vontade de combinar as contribuições e os questionamentos advindos de saberes cruzados, a convicção de que a maioria dos desafios do mundo contemporâneo ganham ao ser questionados pelo prisma cultural. (MATTLART & NEVEU, 2004, p. 15-16).

Além de explicitar as novas abordagens do estudo das Práticas Culturais, os autores destacam o caráter interdisciplinar desse tipo de pesquisa. No caso desse texto, por exemplo, não há como analisar o discurso das entrevistadas sem situá-lo na questão de gênero e de classe social. Como as duas são imigrantes, é preciso considerar os aspectos identitários de suas falas, ou seja, como se colocaram na nova cidade, como viram e como observam a espacialidade na qual se inserem. Observar, também, de que maneira a leitura contribuiu para a ressignificação entre as vivências experimentadas no local de origem e as novas. A História da Leitura mostra que o acesso aos materiais impressos transcorreu de forma lenta e "seletiva". A partir da invenção da imprensa, ainda era preciso vencer o processo educacional, que oportunizara a poucos a aprendizagem da leitura e da escrita. Some-se a isso a desigualdade de gênero, apenas às mulheres abastadas era permitido o acesso ao mundo das letras:

> A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas.
>
> [...].
>
> Não basta ao autor escapar da censura e das condenações para ser definido positivamente. É necessário que se beneficie de um estatuto jurídico particular que reconheça sua propriedade. Isto se fará a partir do século XVIII para se desfazer talvez no fim de nosso século. (CHARTIER, 1999, p. 23 e 45).

Márcia Abreu (1999), na mesma linha de pesquisa de Chartier (2004), destaca a posição dos leitores diante da chamada "revolução da leitura". Mostra que a formação de um grupo de leitores foi um processo tão complexo quanto a superação da censura religiosa e política:

> A primeira consiste no longo processo que leva um número crescente de leitores a passar de uma prática de leitura necessariamente oral, na qual ler em voz alta era indispensável para a compreensão do significado, para uma leitura visual, puramente silenciosa. Embora ambos os estilos de

> leitura tivessem coexistido na Antiguidade grega e romana, foi durante a Idade Média que a habilidade de ler em silêncio foi conquistada pelos leitores ocidentais. (ABREU, 1999, p. 23).

Na mesma obra, Marcia Abreu destaca o processo de censura experimentado na Europa e no Brasil. À igreja foi delegada a função de fiscalizar os materiais impressos, de autorizar ou não a sua circulação. O controle evitava que conhecimentos contrários à política e à moral da época fossem disseminados. As autoridades temiam a eficácia da leitura, como atividade provocadora de pensamentos e que apresenta outras possibilidades de ser/agir no mundo. No Brasil, também teremos uma História da Leitura marcada pelo processo de exclusão de gênero e de classe. A instalação da Imprensa Régia em 1808 era apenas um dos empecilhos que precisavam ser removidos. Para citar apenas os que interessam pela discussão[2], temos: o acesso à educação formal, o acesso das mulheres às letras. O estudo de alguns periódicos oitocentistas mostra que, no século XIX, a maior parte das mulheres, quando escreviam poemas, romances e reflexões para os jornais, assinavam com pseudônimo. Nos artigos de autoria masculina, nesses mesmos periódicos, percebe-se o zelo em oferecer uma leitura amena, que não ferisse a moral de suas leitoras. Na apresentação do *Jornal das Famílias*, em 1869, o redator explicita:

> Graciosos romances têm sido publicados em nossas colunas nos seis anos de existência que já contamos, e parece-nos que nem uma só vez a delicada susceptibilidade de VV. EEx. tem sido ofendida. Anedotas espirituosas e morais tem por certo causado a VV. EEx. o prazer que as pessoas de finíssima educação experimentam nesse gênero de amena literatura, e mais de uma vez conseguiram dissipar as névoas da melancolia que se haviam acumulado nas belas frontes das nossas leitoras.
>
> A economia doméstica, confiada a uma senhora, reúne a utilidade ao prazer, e cremos não enganarmo-nos supondo que mais de uma receita foi aproveitada com suma vantagem pelas mães de família que nos honram com a sua assídua leitura.
>
> Empenhamos todos os esforços para que os figurinos e os moldes, acompanhados de suas respectivas explicações, estivessem a par do que de melhor se publica em Paris, onde temos um agente especialmente incumbido deste importantíssimo objeto (*J.F.*, 1869, p. 2-3).

Ao destacar o cuidado do periódico em selecionar romances e anedotas "espirituais", ou seja, que não ferissem os valores morais de suas leitoras, a redação permite identificar a representação tida "das pessoas de finíssima educação". Vale lembrar o

[2] Caso contrário, seria importante destacar, também, a censura imposta pelo governo de D. João VI, que apenas será amenizada por D. Pedro I, em 1821, o debate sobre os direitos autorais, a função das livrarias e editoras que se instalaram, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro.

quanto o espaço da mulher oitocentista era delimitado e sua conduta social e sexual vigiada. Nobert Elias destaca como a questão da moral foi fundamental para o processo civilizador das sociedades europeias, no momento em que civilização estava estritamente relacionada à virtude (Cf. ELIAS, 1994, cap. II). O discurso das leitoras douradenses permite identificar o processo de acesso à leitura para as mulheres brasileiras, construído historicamente a partir da concepção de que era preciso controlar tanto o acesso à educação formal quanto o acesso ao material impresso, se faz presente nas primeiras décadas do século XX. A Prática da Leitura nas falas das senhoras representa a possibilidade de se emocionar, de conhecer outras vidas e até de se sentir menos só. Todavia, essa prática foi conquistada a partir da superação do rigor do pai e depois do marido. As senhoras têm, respectivamente, 80 e 92 anos de idade e a trajetória de suas vidas permite perceber o quanto o século XX foi marcado pelo olhar da autoridade masculina, destinando às suas filhas e às suas esposas o lugar da submissão. Por outro lado, assim como muitas mulheres romperam com o espaço destinado a elas e brilharam no mundo da moda, da arte cênica, da música, da Literatura, etc.; muitas, apesar de permanecerem no ambiente doméstico, ressignificaram suas vidas a partir dos conhecimentos proporcionados pela leitura, em especial, pela leitura do texto Literário. Pela perspectiva interdisciplinar, apresento a trajetória de senhoras que dedicaram a vida ao marido, aos filhos e às suas leituras.

1 DISCURSOS FEMININOS E PRÁTICAS DE LEITURA

Em sua proposta original, a pesquisa "Histórias de Leitura em Dourados (1925-1980): livros, leitores(as), escritores(as), escolas e bibliotecas", da qual esse artigo é resultado, não delimitou o gênero de leitores, buscava-se simplesmente apreender, a partir das lembranças dos/as moradores/as, nascidos no município ou vindos de fora, a presença dos materiais impressos ao longo da constituição da cidade, as facilidades (ou não) para o acesso à leitura e como esse processo contribuiu (ou não) para os aspectos culturais do município. Em coesão com o que veio antes, o trabalho de campo possibilitou o encontro com um número mais significativo de mulheres que vivenciam a prática de leitura do que de homens. Exceto os moradores que cursaram o nível superior, a maior parte dos homens procurados, por indicação de outros moradores, não quis dar a entrevista e alegou não ser leitor. Apesar da insistência e da explicação de que as recordações que tinham dos primeiros anos de vida em Dourados poderiam contribuir para a compreensão do lugar do livro nos projetos políticos para consolidação do município, não houve a permissão para a entrevista. Com a maioria dos senhores, houve apenas uma conversa informal acerca de suas leituras e da relação com a cidade.

Em contrapartida, ao procurar por mulheres que tinham a prática da leitura, a maioria sem a Educação Básica completa, a recepção foi diferenciada. Nenhuma se negou a ser filmada e elas trouxeram, a partir de suas lembranças, imagens de um processo histórico em que às mulheres era negado o acesso à escola. A Prática de leitura entre essas mulheres se dá por um processo de resistência às condições impos-

tas pelos pais e pelos maridos. Para estudar a História da Leitura, na concepção de Chartier e Cavallo é preciso:

> [...] Partir assim da circulação dos objetos e da identidade das práticas, e não das classes ou dos grupos, leva a reconhecer a multiplicidade dos princípios de diferenciação que podem explicar as distâncias culturais: por exemplo, as propriedades de gênero ou de geração, as adesões religiosas, as comunidades solidárias, as tradições educativas ou corporativas, etc. (CHARTIER & CAVALLO, 2002, p. 8).

Nesse sentido, analiso as lembranças de leitura dessas mulheres que se intitulam "donas de casa" com o objetivo de identificar a circulação de materiais impressos no município e as diferentes formas com elas se apropriaram desses materiais. Ao transcrever as entrevistas, deparo-me com narrativas memorialísticas realizadas por quem aceita visitar o seu passado, ressignificar a sua história, como afirma Viana:

> Importância da experiência pessoal e a oportunidade de oferecê-la ao outro até o estabelecimento de uma relação pactual, num acordo tácito de um eu autorizado pelo próprio sujeito da enunciação e que toma para si sua vivência passada. (VIANA, 1993, p. 16).

As narrativas memorialísticas trazidas para o debate apontam para um processo de apropriação da leitura marcado pela superação das adversidades causadas por pais e maridos, como demonstram as recordações de uma das entrevistadas. Nascida em Pernambuco, em 21 de novembro de 1917, dona Isabel Pereira Lins[3] era filha de militar. No início da entrevista, afirmou ter parado de estudar por opção. Depois de explicar que a mãe teve dezesseis filhos, dentre os quais seis morreram ao nascer, traçou a seguinte característica do pai: "meu pai muito era rigoroso, por causa do rigor dele, não foi só eu que parei de estudar. A gente não aguentava aquelas coisas que ele fazia com a gente. Você sabe que o militar é rigoroso por natureza, né? Concorda comigo?".

O que seriam "aquelas coisas" que o pai fazia com os filhos? Solicitei à entrevistada que explicitasse as atitudes do pai. Preferiu não contar. Meses depois, ao visitá-la após saber que estivera internada, me contou, sem que perguntasse, sobre seu pai. Sem descrever os detalhes narrados por ela, embora haja o seu consentimento para expô-lo, gostaria de frisar que o rigor do pai para que estudassem era tanto que ele, todos os dias, tomava a lição dos filhos em uma lousa no quintal, para cada erro havia uma punição física. Assim, apesar de ter sido uma excelente aluna no "primário", preferiu largar os estudos a continuar com as "lições" dadas pelo pai.

O rigor do pai para com os filhos seria apenas uma das superações que dona Isabel enfrentou em sua trajetória de leitora. Vale dizer que as lembranças de seu pai não foram acompanhadas por sentimentos de rancor. Pelo contrário, a filha olha para trás com a maturidade e sensibilidade de quem sabe considerar o lugar de enunciação dos gestos paternos. Com a filmadora desligada, me narra a morte do pai e desabafa:

[3] Permitiu ser identificada.

"eu ainda tenho muitas saudades dele". Loiva Félix (1998, p. 35) explicita que "memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade". Com a mesma pertinência Ecléa Bosi define a função da memória:

> Qual a função da memória? Não constrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação. (BOSI, 1994, p. 59).

A leitora Isabel evoca seu passado sem ressentimentos. Reencontra-se com os fatos que marcaram a sua trajetória de maneira sensível e emotiva. Ao tratar da infância e da escola, afirma que gostava muito de estudar, talvez por isso suas lembranças apontem para a pouca opção de material de leitura oferecido pela escola:

> Aprendi a ler quando estava no segundo ano primário. A professora era fã da pessoa que estudava. Geralmente, no fim da aula, a professora tirava o tempo para a leitura. Eu tomei gosto pela leitura. Dos livros que eu estudei, minha memória guarda o livro de Erasmo Braga, era essa a leitura que tínhamos na escola.

Na juventude, havia mais opção de livros, porém, ainda existia a presença controladora do pai: "A juventude foi bem, mas sempre com o rigor de meu pai". Quando trata desse período de sua vida, traz à tona, pela segunda vez, a presença materna: "Na juventude eu tinha uma carreira de livros que eu gostava de ler. Minha mãe fiscalizava nossas leituras. Com uma de minhas irmãs ela achou uma leitura que para ela era desagradável". Indaguei-lhe o que era uma leitura "desagradável" e ela respondeu: "Leitura desagradável era uma leitura não digna de ler". A experiência vivenciada na metade do século XX é resultado de uma forma de viver que tinha sua fundamentação no processo histórico de formação social. Demarcadas, quase sempre, pela voz masculina, as regras de convivência social, baseadas em pressupostos moral-religioso, dificultam, por um longo período, a aproximação entre o gênero feminino e o processo de leitura e de escrita. Amparados pelo ideal de proteger a "moral" feminina, padres, médicos, políticos discursaram sobre a importância de delimitar o acesso das mulheres à leitura. Lopes (1997) oferece um exemplo desses discursos:

> Na sessão de 29 de agosto, o Marquês de Caravellas apresenta uma emenda relativa à educação das meninas:
>
> "Salva a redação – quanto à Aritmética somente as quatro operações, e não ensinarão as noções de geometria prática".
>
> [...]
>
> "Na sessão do dia 30 de agosto, entretanto, foi aprovada a emenda que propunha a simplificação do conteúdo do ensino das meninas, após um longo discurso do senador Visconde de Cayru a propósito da superioridade masculina, e da argumentação final do Marquês de Cravellas: "As meninas não tem desenvolvimento de raciocínio tão grande como

> os meninos" (Fonte: *Annaes do Senado Federal*, 1827, vol 2º, sessão de 29 de agosto de 1827 (pp. 261-272. *Annaes do Senado Federal*, 1827, *Annaes do Senado Federal*, 1827, vol 2º, sessão de 29 de agosto de 1827 (pp. 261-272sessão de 30 de agosto de 1827 (pp. 261-272) (LOPES, 1997, p. 25).

A tranquilidade para vivenciar a prática da leitura e para ampliar as possibilidades de acesso ao livro ocorreu de acordo com as recordações de dona Isabel, a partir do casamento: "nós nos conhecemos na igreja. Ele foi daqui para Curitiba para estudar. Naquela semana, ele foi ao culto e nos encontramos. Diz ele que quando me viu... Acho que deu certo- Casamos no dia 13 de agosto de 1948 e tivemos seis filhos". Depois de casada, saiu do Paraná para iniciar uma nova vida em Dourados: "Cheguei em Dourados em 1956". Do município vai se recordar: "Aqui tinha muitos bailes e o cinema. [...] Na época, nunca percebi outras mulheres que gostassem de ler como eu". Suas lembranças não trazem aspectos da cidade, volta-se mais para sua vida privada: "Eu fiz um ótimo casamento. Nunca esperei na minha vida que encontrasse um marido tão bom como era o Lins". José Pereira Lins, seu marido, formou-se em Letras na Universidade Federal do Paraná. Pelo que Dona Isabel indica, buscou compartilhar com a esposa sua paixão pelos livros, em especial, pelos literários: "Ele sempre estava me dando livros. Presenteava-me com muitos livros". As obras adquiridas na infância e as presenteadas pelo marido ficam guardadas em uma prateleira, fechada com dois cadeados. Na prateleira se encontra uma diversidade de títulos, a coleção completa de José de Alencar: "Quando jovem eu sempre gostei de ler José de Alencar. Eu li todos os livros de José de Alencar", das obras do autor ela destaca *Iracema* e complementa: "Iracema eu já li muitas vezes. Leitura **boa e agradável**"[4].

Os livros escolares com os quais estudou também são guardados na prateleira. Em especialmente, destaca o de Erasmo Braga, do qual se lembra com maior apreço, talvez pela relação estabelecida com a professora que se utilizava dessa obra ou quem sabe por terem sido os livros de leitura as únicas opções em sua época. Além dos citados, dona Isabel enumera outros títulos: "Além do José de Alencar, li Victor Hugo, Alexandre Dumas, José Mauro de Vasconcelos, Setubal. A maioria dos meus livros são evangélicos, poesias e romances evangélicos". Os últimos materiais citados correspondem à escolha religiosa da leitora.

As lembranças de D. Isabel apontam para escolhas de leitura diversas. Além disso, demonstram que o incentivo a essa prática partiu da família, apesar do rigor e da fiscalização de seus pais. A pouca opção de livros oferecidos pela escola, por sua vez, foi recompensado pelo afeto da professora, que despertava o interesse pelas leituras das histórias do livro didático de Erasmo Braga. O casamento com um professor formado em Letras e apaixonado pela leitura literária trouxe-lhe novas possibilidade de títulos e de estilo:

> [...], se concordarmos implicitamente sobre o que deve ser a leitura. Aqueles que são considerados não-leitores lêem,

[4] Grifo meu.

> mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. (CHARTIER, 1999, p. 103-104).

Sem dúvida, as recordações de leitura apontam para escolhas advindas de diferentes esferas: pais, escolas e marido. Da experiência de leitura, procura conceituar essa prática: "A leitura para mim é descanso, ela abre a mente. Muitas vezes a compreensão desaparece da gente e na leitura a gente encontra o porquê de muitas coisas". De acordo com sua definição, a leitura oferece explicações para os fatos, possibilita ver a vida de forma mais flexível. Além disso, a leitura também oferece o descanso, ou seja, é realizada por ela como lazer. O que seria "abrir a mente" para essa entrevistada? Para Celie, a leitura das cartas da irmã possibilitou rever seu passado e vislumbrar um futuro sem as marcas da submissão ao sexo masculino. "Abrir a mente" talvez represente esclarecer dúvidas, adquirir conhecimentos, ressignificar a si e ao outro. Hoje, com mais de noventa anos, problemas na visão não lhe permite ler na quantidade de antes: "Não posso mais ler muito porque não enxergo mais letras pequenas. Preciso usar lupa". Diante da limitação física, ela seleciona as leituras mais marcantes: "O que eu mais tenho lido é a Bíblia e José de Alencar". A Bíblia marca a sua trajetória religiosa, o pai, além de militar, também era pastor evangélico; já José de Alencar, durante a entrevista, foi citado como o autor que mais marcou a sua juventude. Peço a ela para encerrar a entrevista contando-me uma de suas histórias preferidas e ela me narra a vida de Ester, do livro de Ester, antigo testamento da Bíblia.

Muitos podem questionar a definição dada por ela de que a leitura "abre a mente" com a seleção que D. Isabel faz das leituras que mais lhe marcaram e como afirma ser a Bíblia, hoje, o livro mais lido por ela. A Bíblia, escrita por homens, em muitos momentos subjuga as mulheres. Todavia, a narrativa memorialística dessa leitora está transpassada por sua trajetória de vida. Ao definir Identidades Culturais, Stuart Hall lembra que elas são "aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais" (HALL, 2001, p. 8). O pai era pastor evangélico, o marido era/é evangélico e ela sempre comungou dessa fé. Nada mais natural que na velhice, apesar das opções de leitura existentes em sua casa, opte por dedicar o tempo à leitura da Bíblia.

A forma como Dona Isabel descreve sua trajetória de leitura e as obras citadas como as que marcaram a sua infância e a sua juventude contribui para a compreensão de uma História da Leitura que deseja perceber não apenas as maneiras de ler, mas que também se interessa pelo processo de escolhas. O que justifica uma escolha em detrimento da outra?

> [...] Uma história da leitura não deve limitar-se apenas à genealogia da maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos. Ela tem também, e talvez sobretudo, como

> tarefa reencontrar os gestos esquecidos, os hábitos que desapareceram. O desafio é muito importante, pois revela não só a distante estranheza de práticas que eram comuns antigamente mas também o estatuto, primeiro e específico, de textos que foram compostos para leituras que não são mais as de hoje. (CHARTIER & CAVALLO, 2002, p. 8).

Ao narrar sua trajetória de leitura, Dona Isabel expõe também um processo de limitação ao texto. A leitura vigiada, a escassez de materiais impressos na escola, o rigor do pai ao cobrar os estudos dos filhos. A narrativa memorialística de dona Isabel compõe, portanto, uma história coletiva. A História da Leitura, como explicitado aqui, também acompanha essas marcas de vigilância e de acesso aos livros.

2 ÚLTIMAS PALAVRAS

Quando se chega a um lugar novo, onde se passará a ganhar o "pão nosso de cada dia", surge a quase necessidade de conhecer o novo território. Objetivei conhecer Dourados a partir de sua História da Leitura. Ouvir a trajetória dos pioneiros e de seus descendentes a partir das lembranças do tempo escolar, dos causos ouvidos na infância e das lembranças das leituras que marcaram a trajetória dessas pessoas que contribuíram, de diferentes formas, para a consolidação do Município de Dourados, tem sido uma aprendizagem enriquecedora. Ao refletir sobre a trajetória de leitura desses moradores, empreendo uma das muitas possibilidades de abordagem da pesquisa voltada para a História da Leitura:

> A história da leitura foi durante muito tempo partilhada por dois tipos de abordagens: as que desejavam deslocar ou ultrapassar a história literária tradicional e as que se baseavam numa história social dos usos do escrito. A estética da recepção à moda alemã, a *reader-responser theory* à moda americana, os trabalhos baseados nos formalismos russo e tcheco, mais históricos do que os estruturalismos francês ou americano, foram todas as tentativas para "excluir" a leitura da obra, para compreendê-la como uma interpretação do texto não inteiramente comandada pelas disposições lingüísticas e discursivas. De outro lado, a história da leitura encontrou um poderoso auxílio na história da alfabetização e da escolarização, a das normas e das competências culturais e da difusão e dos usos do impresso. Ela apareceu como o prolongamento possível, necessário, dos estudos clássicos que desenharam, para diferentes locais europeus, a conjuntura da produção editorial, a sociologia dos possuidores de livros, a clientela dos livreiros, dos gabinetes literários e das sociedades de leitura. (CHARTIER & CAVALLO, 2002, p. 36).

Ao narrar suas histórias e as leituras que marcaram as diversas fases de suas vidas, as leitoras deixam transparecer quanto foi preciso resistir às imposições dos pais e dos maridos para desfrutarem da prática da leitura. É comum ouvir mulheres

descrevendo histórias de leituras marcadas pela opressão: a necessidade de esconder os folhetins das revistas e dos jornais dentro da Bíblia para não serem importunadas; senhoras que além de ler se deram ao direito de escrever textos literários, tiveram sua produção queimada pelo marido; mulheres subjugadas pelos pais e pelos companheiros, retiradas da escola ou proibidas de ler. Professoras que resistiram às palavras pessimistas de pais, para quem "estudar era coisa de homem". Tais trajetórias demonstram que a pesquisa acerca da História da Leitura, quando se trata do gênero feminino, deseja explicitar o rol de obras lidas e observar as entrelinhas dos discursos, perceber a resistência e o rompimento ao discurso historicamente constituído para limitação o espaço feminino.

A trajetória de leitura de Dona Isabel é, nesse sentido, exemplar. Mesmo sem completar o ensino básico, dialogou com os clássicos: Victor Hugo, Alexandre Dumas, José de Alencar, Machado de Assis, Dante Alighieri, etc. Superou a fiscalização materna e o rigor paterno. Apropriou-se dos poucos livros que a escola oferecia e deles ainda se recorda com afeto. Aos noventa e dois anos, dona Isabel, enquanto narra a sua trajetória, aponta um lugar diferenciado nos espaços ocupados por ela. Foi/é filha, mãe, esposa e **leitora**, com todas as implicações que a prática sugere.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras/ Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade* - lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger & CAVALLO, Guglielmo. *História da leitura no Mundo Ocidental 1*. São Paulo: Ática, 2002.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória*: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LACERDA, Lilian de. *Album de leitura*: memórias de vida, histórias de leitores. Prefácio de Roger Chartier. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LOPES, Silvana Fernandes. *A formação feminina na sociedade brasileira do século XIX*: um exame de "modelos" veiculados pela literatura de ficção. Campinas: São Paulo, 1997.

MATTELART, Armand & NEVEU, Érik. *Introdução aos estudo culturais*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine*: memórias de mulheres. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993.

WALKER, Alice. *A cor púrpura*. 7. ed. Trad. Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Marco Zero, 1985.